

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : J/Orniã BH

CLASS. : 03

DATA : 14/21/04 91

PG. : 7

O destino de nossos índios

Matos da Silva

Os acontecimentos ou suas comemorações vão passando tão depressa que não chegamos a aprofundá-los, a vivê-los plenamente e a compreender a sua exata significação. A vida agitada de hoje nos leva de um fato para outro e, muitas vezes, nos envolve num verdadeiro turbilhão incontrolável.

Quase que podemos dizer que a vida não é vivida e a história não é percebida devidamente.

Do dia 14, ao dia 20, celebramos em todo o Brasil, a semana dos povos indígenas. Quem, na verdade, analisou, em toda a sua extensão, a vida, os sofrimentos, a marginalização, as injustiças e os assassinatos dos nossos índios? Bem poucas pessoas o fizeram entre nós. Daí porque desejamos voltar a esse assunto momentoso e angustiante problema. Tal questão não pode deixar de ser estudada à luz do cristianismo. Conforme essa doutrina os índios são nossos irmãos, criados à imagem e semelhança de Deus, forma remidos pelo sangue e de Cristo, têm todos eles uma destinação feliz e eterna, e são os primeiros donos de toda a terra brasileira.

Para ajudar-nos a refletir sobre esse problema a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o Conselho Indigenista Missionário redigiram no ano passado um texto onde se lê como pensamento principal o seguinte: "Destruir a terra é destruir os filhos da terra."

Há meses os satélites em um só dia fotografaram 700 focos de incêndio na Amazônia. Diante desse fato os cientistas se viram obrigados a dar este grito de alarme: "A Amazônia está pegando fogo". Ao que pare-

ce nem todas as autoridades estão preocupadas com o futuro dessa região da nossa pátria. Atualmente a área desmatada na Amazônia é de 344.706 quilômetros quadrados.

"O nosso governo tem reconhecido que com essas queimadas se perde, anualmente, cerca de 40 bilhões de dólares, só em madeira. Os prejuízos ambientais são vinte vezes superiores aos prejuízos materiais, o que equivale a sete vezes o valor da nossa dívida externa." Os prejuízos humanos são indiscutíveis e incalculáveis. Com essa espécie de devastação tem havido um cruel massacre de populações indígenas. De 1986 a 1990 quinhentos e trinta e nove lavradores foram assassinados. Enquanto isso, determinados grupos econômicos vão se beneficiando escandalosa e fabulosamente. Nos dias atuais pastam, naquela região amazônica, 22 milhões de cabeças de gado. Ali, também, se construíram obras faraônicas como a transamazônica que prejudicou o povo Parakanã, no Pará. A Perimetral-norte favoreceu a penetração de aventureiros no território dos Yanomami. Há três mil anos eles habitam a montanhosa região da fronteira do Brasil com a Venezuela, numa área de 9,4 milhões de hectares. Conseguiram sobreviver a constante ameaças de destruição que já vêm de longas datas. No entanto, declara, solenemente, a nossa Constituição Federal que "são inalienáveis e indisponíveis (as referidas áreas) e o direito sobre elas, imprescindíveis". (Art. 231 §4).

Em 1989 morreram 100 índios, vítimas de malária, catapora, tuberculose e de outras doenças levadas por 60 mil garimpeiros. Outras populações têm sido dizimadas por meio de atos violentos.

É preciso, então aumentar a nossa grita, denunciando os crimes hediondos contra o homem e contra as freqüentes dilapidações do seu meio ambiente. Com muito acerto e coragem, durante a 28.ª Assembléia da CNBB em Itaiçi, São Paulo, dom Erwin Krautler declarou "que não só a vida dos índios corre perigos. A vida ameaçada dos povos indígenas faz-nos, hoje, refletir nas ameaças que pairam sobre todos nós e sobre as futuras gerações. Descobrimos a conexão que existe entre o desrespeito à natureza, a depredação do meio ambiente e a destruição da vida humana, física e cultural. A extinção de um povo e consequência direta da devastação e de danos irreversíveis causados em seu habitat.

O raio dessa ação deletéria, como se sabe, tem atingido outros lugares no nosso continente. Os índios guatemaltecos, por exemplo, que alcançam o número de 65% da população, são considerados como estranhos em sua própria pátria.

Ao lado de nosso total apoio às populações indígenas é necessário, naturalmente, que elas mesmas se articulem para a defesa dos seus direitos.

Até quando o capitalismo selvagem e avassalador e outras forças nocivas estarão violentando e destruindo os verdadeiros guardiões destas terras brasileiras e continentais?

É preciso que todos nós nos convertamos a este sagrado princípio: só Deus é o Senhor absoluto de toda a natureza; nós somos, apenas seus administradores.

* Dom Matos Silva é bispo de Bonfim (BA)